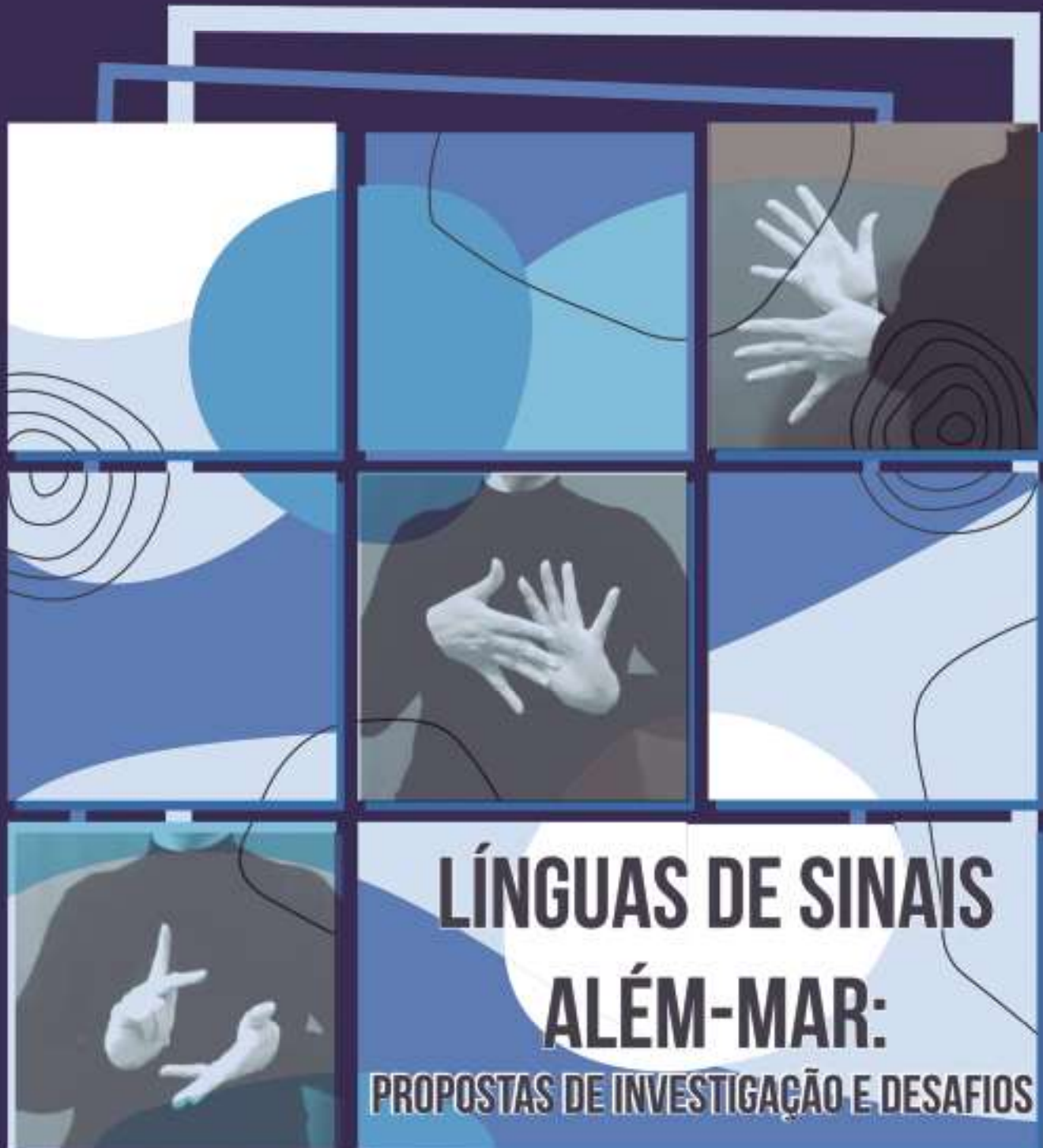


ISABEL SOFIA CALVÁRIO CORREIA  
PEDRO BALAUŠ CUSTÓDIO  
RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS  
(Orgs)



# LÍNGUAS DE SINAIS ALÉM-MAR:

PROPOSTAS DE INVESTIGAÇÃO E DESAFIOS

Isabel Sofia Calvário Correia  
Pedro Balau Custódio  
Ronaldo Manassés Rodrigues Campos  
(Organizadores)

**Línguas de sinais além-mar:  
propostas de investigação e desafios**

São Paulo  
e-Manuscrito  
2022



e-Manuscrito

www.emanuscrito.com.br

emanuscrito@uol.com.br

Tels: (11) 5978-4547 / (11) 97171-3871

CNPJ: 18.353.444/0001-76

---

C824I Correia, Isabel.  
C987I Custódio, Pedro Balaus.  
C198I Campos, Ronaldo Manassés.

Línguas de Sinais Além-Mar: propostas de investigação e desafios.  
Isabel Correia (Org); Pedro Balaus Custódio (org); Ronaldo  
Manassés Campos (org). São Paulo: e-Manuscrito, 2022.

105 p  
ISBN 978-65-86723-72-4

1. Línguas de Sinais 2. Interpretação em Línguas de Sinais  
3. Terminologia linguística 4. Línguas Gestuais

CDD 490  
CDU 81.22

---

#### CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Angela Maria Roberti Martins (UERJ)	Prof. Dr. Leandro Pereira Gonçalves (UFJF/MG)
Prof. Dr. Antonio Castillo Gómez (UAH/Madrid)	Prof. Dr. Luis Balkar Peixoto Pinheiro (UFAM)
Prof. Dr. Antonio Otaviano Vieira Junior (UFPA)	Prof. Dr. Luiz Carlos Barreira (UNISANTOS)
Prof. Dr. Antonio Rago Filho (PUC/SP)	Prof. Dr. Manolo Garcia Florentino (UFRJ)
Prof. Dr. Azemar dos Santos Soares Júnior (UFRN)	Profa. Dra. Maria Cristina Dadalto (UFES)
Profa. Dra. Cristina Scheibe Wolff (UFSC)	Profa. Dra. Maria Izilda Santos de Matos (PUC/SP)
Prof. Dr. Fernando de Sousa (CEPESE/Portugal)	Profa. Dra. Meize Regina de Lucena Lucas (UFCE)
Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento (UFPI)	Prof. Dr. Oswaldo Truzzi (UFSCar)
Profa. Dra. Glaura T. Nogueira Lima (UFTM/MG)	Profa. Dra. Tania Regina de Luca (UNESP/Assis)
Prof. Dr. Henrique Alonso Pereira (UFRN)	Profa. Dra. Valéria Aparecida Alves (UECE)
Prof. Dr. Iranilson Buriti (UFCEG/PB)	Prof. Dr. Vitorio Capelli (UNICAL/Itália)
Profa. Dra. Iara Beleli (UNICAMP)	Profa. Dra. Yvone Dias Avelino (PUC/SP)
Prof. Dr. João do Prado F. de Carvalho (UNIFESP)	

Todos os direitos reservados à e-Manuscrito.

Copyright © 2022 Isabel Correia; Pedro Balaus Custódio;

Ronaldo Manassés Campos (Orgs)

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem a autorização da e-Manuscrito.

As ideias contidas neste livro são de responsabilidade de seus autores.

Editores responsáveis: Gustavo F. S. Ferreira e Karina Cobo Bardavira

Capa: Gustavo F. S. Ferreira e Karina Cobo Bardavira

Arte Primeira capa: Ruan Cardoso de Oliveira. Foto: Josy Vitória Macedo

**De Portugal à Terra de Vera Cruz:  
entre a Libras e a LGP -  
Do estatuto não pluricêntrico das línguas de sinais**

Pedro Balaus Custódio<sup>5</sup>

LÍNGUA é um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos. Expressão da consciência de uma colectividade, a LÍNGUA é o meio por que ela concebe o mundo que a cerca e sobre ele age. Utilização social da faculdade da linguagem, criação da sociedade, não pode ser imutável; ao contrário, tem de viver em perpétua evolução, paralela à do organismo social que a criou. (Cunha & Cintra, 2015, p. I)

Do ponto de vista linguístico, o pluricentrismo constitui uma característica generalizada em diversos contextos e territórios geolinguísticos que partilham uma língua comum, conforme notam muitos investigadores, como Clyne (1992) e Silva (2013), entre tantos outros.

Efetivamente, Clyne (1992) restaura o conceito de *pluricentrismo* linguístico já advogado por Kloss (1978). O princípio é facilmente inteligível: é possível coexistirem, para a mesma língua em diferentes espaços geográficos, mais do que uma norma.

The term *pluricentric* was employed by Kloss (1978 II, p. 66-67) to describe languages with several interacting centres, each providing a national variety with at least some of its own (codified) norms. Pluricentric languages are both unifiers and dividers of peoples. They unify people through the use of the language and separate them through the development of national norms and indices and linguistic variables with which the speakers identify. (Clyne, 1992, p. 1)

Assim, e como se pode verificar pela aturada leitura da investigação produzida nesse domínio específico, desde

---

<sup>5</sup> Escola Superior de Educação- Politécnico de Coimbra. Contato: [balaus@esec.pt](mailto:balaus@esec.pt)

os anos 1970 que esse conceito aflora a investigação. E, no plano investigativo atual, a produção, a análise e os estudos são já quantiosos e de grande relevância para a percepção dos contornos conceituais.

Hodiernamente, podemos considerar que a produção e pesquisa sobre essa temática de grande interesse e proeminência para a linguística é prolífera, diversa e de acentuada qualidade. Batoréu e Silva (2012) e Gonçalves e Mendes (2016), entre muitos autores que nos últimos anos versaram esse tema com acuidade e rigor, provam que as pesquisas e reflexões sobre essa temática assumem grande importância no domínio da linguística.

De que falamos, pois, quando dizemos que uma língua é *pluricêntrica*? Na verdade, qualquer língua comum que apresente variedades faladas em contextos geopolíticos distintos pode ser considerada uma língua que apresenta distinções que são identificáveis, peculiares, mas que não inviabilizam a sua unidade e o seu entendimento pelas variadas comunidades linguísticas.

Oliveira (2016, p. 25-27) afirma que o Português foi uma língua monocêntrica entre os séculos XVI e XIX, passando a ter um estatuto distinto da segunda metade do XIX ao XX. O investigador apelida-a de *bicêntrica*, uma vez que os seus centros estariam bipolarizados entre Portugal e Brasil, tendo, no entanto, evoluído no século XXI para uma *língua pluricêntrica*. Como refere ainda o mesmo autor (Oliveira, 2016, p. 37), o Português metamorfoseia-se de “língua nacional de dois países para uma língua internacional, de gestão multilateral, tendência, de resto, de boa parte das grandes línguas de fonias, isto é, compartilhadas por diversos países”.

Ora, independentemente dessas nuances terminológicas e que tentam descrever os trajetos diacrônicos da língua, do seu estatuto e evoluções, o certo é que, como realça Duarte (2016, p. 221),

A dispersão geográfica dos países de língua portuguesa acarreta consigo variação, dado que origina consigo o contacto do português com outras línguas, quer as

que eram faladas quando os portugueses chegaram aos diferentes pontos do globo onde ela hoje se fala, quer as que estão ao lado e com ela conviveram e convivem (substratos e adstratos). Assim se justifica, entre outros motivos (como, por exemplo, no caso do Brasil, as sucessivas vagas migratórias que para o país fizeram convergir, ao longo dos anos, outros povos e outras línguas), por que motivo o português tem características próprias que o individualizam nos diferentes locais onde é falado. (Duarte, 2016, p. 221)

Essa plurivocidade gera, de modo natural e contínuo, processos vários de interferência linguística com outras línguas com as quais o Português fica em direto contato. Distintas variedades, em diferente grau de formação, mas também de desenvolvimento e de fixação coexistem no mesmo espaço geográfico e na mesma comunidade linguística, de forma natural, produtiva e globalmente aceite.

Esta brevíssima e despretensiosa reflexão teórica, meramente introdutória e contextual, vai, como se depreende, contrapor com acelerada brevidade apenas e só o caso do Português, uma língua que, à semelhança de outras de raiz europeia, expandiu-se por diferentes partes do mundo, em períodos distintos da sua evolução, não apenas por via dos fenômenos expansionistas e colonizadores. Se hoje o Espanhol se fala em diferentes partes do mundo como a mesma língua, também o Holandês saiu do espaço europeu e, atravessando o Atlântico, sobrevive na África do Sul, entre muitos outros exemplos.

Ora, por maior força de razão, o Português é consabidamente hoje uma língua oficial em diferentes países, em distintas latitudes e meridianos. O Português, tal qual ele se apresenta hoje, não é, pois, uma língua de uma só voz, uma vez que a sua vitalidade impera no território europeu, mas igualmente no Brasil, em diferentes países da África, como também em Cabo Verde, ou na Ásia, entre outros territórios e continentes.

Como refere Aguiar e Silva (2007, p. 151),

Se a língua e a cultura portuguesas não são obviamente entendíveis à margem das suas matrizes e dos seus contextos europeus, também é verdade que elas, muito em particular a língua, não podem nunca ser consideradas, entendidas e avaliadas, à margem da sua existência multissecular em terras do Oriente, em terras de África e, sobretudo, em terras do Brasil. Do fulgor solar de Quinhentos, das grandezas e misérias do Império, da aventura lusíada pelos mares e por três continentes, o que ficou como mais valioso e perdurável contributo para a humanidade? Sem sombra de dúvida, a língua portuguesa do Brasil, a língua portuguesa das ex-colónias africanas, a língua portuguesa de Machado de Assis, de Baltasar Lopes, de José Craveirinha, de Pepetela. Com as suas variações, as suas diferenças, as suas metamorfoses, em íntima articulação com as experiências vitais, as tradições, as crenças e as mundividências de cada um dos povos a que pertence, mas também com uma espantosa unidade da sua gramática profunda. Uma língua que é um inestimável instrumento de comunicação nacional e internacional, de circulação da cultura e da ciência, de entendimento político, de cooperação no ensino e nas áreas económicas.

O Português é, portanto, *pluricêntrico* porque também pluricontinental. E, na boca de quase 300 milhões de falantes por todos os meridianos do mundo, a nossa língua, língua de todos nós, sendo uma, é diversa; pertencendo a diferentes países e estados, tem normas não exatamente iguais, sem que essas naturais diferenças obstaculizem ou a tornem opaca aos ouvidos e aos olhos de outro falante da mesma língua. A sua livre circulação é, em simultâneo, uma das garantias da sua liberdade, da sua aptidão de se reinventar, de crescer e de se transformar; afinal, qualquer língua é um organismo vivo, em perpétua mutação.

É produtivo e normal existirem essas diferenças? Sem dúvida. Essa troca enriquece o Português como

língua pluricêntrica, torna-a viva, dinâmica e assegura a sua renovação e sobrevivência. Essas diferenças de uma língua que atravessou os mares e oceanos e, agora, já pertence a muitos milhões de falantes engrandece-nos como língua, aproxima-nos e une-nos, apesar da lonjura que nos separa.

Como salienta Costa (2021, p. 81),

As línguas naturais são mais parecidas do que diferentes. Os padrões de organização das palavras em frases, das partes dos sons em fonemas, das pequenas partes que se organizam para construir palavras diferentes, são bastante uniformes. A variação está mais em aspetos superficiais da língua. A sua base biológica e cognitiva é universal.

A variação linguística compara-se à variação entre rostos humanos. Podem assumir inúmeras formas, mas todos reconhecemos que características formais tem qualquer um – onde ficam o nariz, as orelhas, a boca e os olhos. Até a generalidade dos cubistas não se desviou muito destas características. Agora imagine-se que os rostos eram todos iguais, uniformes, sem variação. Que desinteressantes que seríamos. Assim é com as línguas, a partir de uma matriz biológica comum, que explica possíveis e impossíveis, as línguas desenvolveram-se ao longo da história, com características próprias e sutilezas nas diferenças de que muitas vezes não nos apercebemos.

Ora, se o Português é uma língua pluricêntrica, como refere Costa (2021, p. 81),

A ideia de que alguma língua no mundo não apresenta variação não passa de um mito. Basta pensar em cada um de nós, enquanto falantes e pensar nos registos que usamos em diferentes contextos. Usamos a mesma entoação, as mesmas palavras quando falamos com um bebé ou quando falamos num contexto formal? Claro que não. Adequamos o registo ao contexto.

Também é verdade que existem línguas que, por razões muito distintas dessas, têm um estatuto que as remete para um plano *monocêntrico*. Estamos nos referindo, como se depreende, às línguas orais. Efetivamente, e apesar dos motivos culturais e linguísticos que fazem a história de cada uma delas, e não obstante as variedades que dentro delas coexistem e sobrevivem, *de per si*, também patenteiam no seu seio, a gênese das línguas orais afasta-se dessa natureza pluricêntrica.

Centremos, apenas a título de exemplo – por se tratar do objetivo nuclear desta breve reflexão –, na natureza da Língua Gestual Portuguesa (LGP) e na Língua Brasileira de Sinais (Libras). Ambas são línguas autônomas e veículos de expressão dentro das respectivas comunidades. Assim, as duas línguas, apesar de serem veículos de comunicação em países cuja língua nativa é a mesma – o Português –, não comungam dessa unicidade quando se perspectiva um ponto de vista e enfoque comparativo.

Ambas são, indubitavelmente, línguas visual-espaciais; possuem cada uma delas uma estrutura gramatical, cultura e identidade próprias. As duas exibem, de igual modo, um riquíssimo e vasto léxico, e cada uma delas por si só comunga também de vários traços próprios de todas as línguas orais: exibem variedades linguísticas, possuem diferentes dialetos e, claramente, encontram-se em incessante evolução como qualquer outra língua.

Como sublinha Quadros (2004, p. 47-48), “As línguas de sinais são denominadas línguas de modalidade gestual-visual (ou espaço-visual), pois a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos”. Qualquer uma delas, também à semelhança de outras línguas de sinais ou orais, é passível de se descrever e analisar segundo enfoques diacrônicos, processo que ajuda a compreender não só a sua evolução como ainda o modo como esses processos foram se desenrolando em diferentes períodos da sua *história enquanto língua*.

Como relembra Correia (2009, p. 58),

Não há uma língua gestual universal, mas sim diversas línguas gestuais, de acordo com as comunidades que as utilizam. Assim, percebe-se que obedece ao critério de arbitrariedade, sendo um mesmo conceito expresso de formas distintas, não havendo relação directa entre o objecto e a sua representação linguística. Contudo, não podemos esquecer que estamos perante uma língua espacio-visual onde a representação do mundo se faz através do gesto descodificado pela visão. Desta forma, é possível que, por vezes, sobretudo devido a motivações histórico-sociais que estiveram na base da criação do gesto, haja um grau de iconicidade entre a palavra e aquilo que esta representa.

Assim sendo, cada língua de sinais tem uma identidade própria, não apenas do ponto de vista linguístico, mas também histórico, cultural, evolutivo, ainda que algumas delas se filiem historicamente à mesma raiz ou influência matricial. Essas línguas são, efetivamente, dotadas de características próprias que, apesar de manterem entre si categorias gramaticais comuns – outra coisa não seria de esperar –, assumem aspetos que, do ponto de vista estritamente linguístico, são diversos, originais, únicos.

Também muito naturalmente, cada uma se rege por uma convencionalidade de signos definidos de acordo com um vasto conjunto de regras, mas também de variáveis, sobretudo emanadas a partir da arbitrariedade que as comunidades linguísticas lhes atribuem, mas também à semelhança de todas as outras línguas. E, como acentua a mesma investigadora, “as línguas gestuais reflectem a capacidade criadora das línguas humanas, visto que novos vocábulos vão surgindo à medida que a necessidade de exprimir conceitos e novas realidades se impõem” (Correia, 2009, p. 59).

Consabidamente, esta brevíssima reflexão não visa estabelecer as semelhanças ou as distinções entre as línguas orais, nesse caso o Português e a Libras e/

ou a LGP. Todavia, importa referir, no âmbito do objetivo maior deste capítulo, que serve de *incipit* a vários estudos sobre ambas, que elas também são tributárias de todas as mudanças sociais e culturais; ou seja, os mecanismos de produção e de evolução que as movem são comuns às línguas de matriz oral. As mutações sociais pelas quais passam são marcas indeléveis da sua história e do seu crescimento.

Diferentes entre si, mantêm também características lexicais, morfológicas, sintáticas e semânticas distintas, mas sempre produtivas. Todas elas sofrem empréstimos, contaminações, variedades dialetais, socioletais, idioletais e diafásicas, patenteando alterações dinâmicas, criativas e ininterruptas. É essa, aliás, a dinâmica comum a todas as línguas.

Ora, apesar de muitos dos processos linguísticos serem comuns às línguas orais, a natureza específica de cada uma não lhes confere propriedades pluricêntricas. Por outras palavras, dois usuários, um português e um brasileiro, que não conheçam as respectivas línguas não conseguirão utilizar uma plataforma de intercompreensão mútua entre LGP e Libras.

Zeshan (2006) afirma que as línguas de sinais da Nova Zelândia e da Austrália têm fortes semelhanças com a BSL (British Sign Language), o que se explica também pelo contexto colonial histórico. Ele arrisca até a chamá-las dialetos. O mesmo sucede com outras línguas de sinais que encontram similitudes entre si, e que até permitem um determinado grau de compreensão e inteligibilidade, mas não se pode considerar, de modo seguro, que sejam iguais. Como conclui o mesmo autor:

However, the situation is usually not so clear-cut. In most cases, it is impossible to determine whether similarities between two sign languages are the result of a genetic relationship or the result of language contact. Instead of the 'pure' kind of family tree relationship, a more common type of relationship between two sign languages involves various kinds of language contact

situations, language mixing, and creolization. For example, American Sign Language is said to have arisen in a creolization process, where Old French Sign Language came in contact with indigenous sign varieties, resulting in a new language with input from both of these sources. This kind of relationship cannot be considered genetic in the usual sense of the term. (Zeshan, 2006, p. 361)

Assim, e perante a impossibilidade de filiar-mos ambas a línguas a mesma história e a um mesmo percurso – que são, a todos os títulos, inteiramente distintos –, nunca poderemos afirmar que as duas comungam desse traço pluricêntrico. Na verdade, essa questão tornar-se-á translúcida sobretudo se considerarmos a evolução das línguas de sinais.

Por conseguinte, a Libras e a LGP muito dificilmente poderiam ser consideradas pluricêntricas. A gênese, a evolução histórica de cada uma delas retira-lhes essa característica e capacidade.

As diferentes escolas de educação de surdos e as suas distintas filiações e filogenia linguística, também o fato de possuírem um estatuto minoritário, conferem-lhes essa (im)possibilidade. Mas as razões não se quedam apenas por aqui. O cotejo desses motivos não é, de todo, um objetivo central desta brevíssima introdução, mas talvez conviria ainda aditar um outro juízo de cariz significativo e de relevante peso: cada uma das línguas de sinais tem um estatuto político, à semelhança de qualquer outra língua. Por isso mesmo, e nesse item em particular, as suas fragilidades e tibiezas são mais notórias, a capacidade de afirmação, em termos de política linguística, são consabidamente mais vacilantes.

Um outro motivo advém também do fato de, sob um ponto de vista convencional, serem línguas naturalmente mais jovens e imaturas em comparação com as línguas orais, e por isso carecem de uma estabilidade e de uma estruturação gramatical mais vincada.

Por último, importa ainda ressaltar que essas línguas vivem da sua iconicidade, logo, a relação de visualidade plástica de cada uma subordina-se muito mais a cada comunidade e está sujeita a variações mais marcadas e, em determinadas áreas, a inconsistências e alternâncias. Por outras palavras, o seu grau de variabilidade é notoriamente mais acentuado do que nas línguas orais.

Cada comunidade linguística, seja em Libras, seja em LGP, está sujeita a alterações e interferências nos planos da interpretação que fazem dos referentes. Um exemplo, entre os inúmeros que poderíamos citar a esse propósito, encontra-se em sinais tão comuns como o de gato, enquanto animal: em LGP a expressão manual está plasticamente expressa na garra típica desse felino e no fato de arranhar, porém em outras línguas de sinais a característica do animal que sobressai na sua expressão manual são os bigodes. Ora, essa variação não permite considerar que entre ambas as línguas a aproximação seja realizada pela mesma motivação visual, embora o gato comungue de ambos os atributos.

É comumente aceite que existem, com grande grau de probabilidade, mais de três centenas de línguas de sinais em todo o mundo. Cada uma dessas línguas é, por si só, e não obstante vários traços em comum, uma língua própria, com uma identidade definida, e que não possibilita a intercompreensão. Apesar de algumas delas terem eventualmente a mesma raiz, elas refletem a cultura, a identidade, a marca-d'água própria de cada comunidade linguística que as usa e as faz crescer e valorizar. O progresso de cada uma não é linear, não obedece a um critério comum, e cada uma segue um percurso cujas linhas evolucionárias não se cruzam e não acompanham o mesmo ritmo ou friso cronológico.

Se a Libras, por exemplo, considera-se tributária da língua francesa de sinais, a LGP teria sido influenciada pela língua de sinais sueca. Assim, se nos abstrairmos desses perfis e percursos evolutivos, o fato é que também poderemos encontrar esse traço nas línguas orais como

sendo comum. Na verdade, e mesmo dentro desse campo de influências, as diferenças são claramente mais significativas e, incomparavelmente, mais gritantes, a ponto de não podermos agregá-las com facilidade numa mesma família de línguas, tal qual fazemos com grande parte das línguas orais.

Existem sinais iguais e/ou idênticos entre elas? Certamente sim. Mas são exceções, não a regra, e, para mais, não têm o mesmo significado. E, mesmo dentro de cada uma, do ponto de vista individual e orgânico, há diferenças e variedades internas.

A encerrar, podemos assim concluir que cada uma dessas línguas de sinais, afastadas por um oceano extenso e profundo, mantém de cada lado do Atlântico uma identidade própria. A Libras e a LGP seguem percursos exclusivos, são marcadamente heterogêneas, não apenas no espaço onde circulam e se instituem como línguas individuais, mas ainda na riqueza que lhes advém dos seus percursos e diversidades sociais, históricas e culturais.

Ambas caminham para um futuro cujos cruzamentos não se intersejam. Longe de assumirem um estatuto pluricêntrico, cada uma orbita um epicentro próprio. E, apesar das diferenças naturais e legítimas que ocorrem dentro de cada uma, não apenas distanciam-se porque o seu destino é afastarem-se enquanto línguas autônomas, como, no presente caso, estão realmente apartadas por um oceano que, embora as banhe sob muitíssimos aspectos culturais e históricos, distanciam-nas enquanto línguas cujas comunidades de usuários são distintas e culturalmente propensas a variedades exclusivas.

## **Referências**

Aguiar e Silva, V. M. (2010). *As humanidades, os estudos culturais, o ensino da Literatura e a política de língua portuguesa*. Coimbra: Almedina.

Baptista, F. P. (Org.) (2007). *Vítor Aguiar e Silva: a poética cintilação da palavra, da sabedoria e do exemplo*. Viseu: Governo Civil do Distrito de Viseu.

Batóreo, H., & Casadinho, M. (2009). O Português – uma língua pluricêntrica: O caso de Timor-Leste. *Revista Portuguesa. Estudos Linguísticos*, 13(1), 63-79.

Batóreo, H., & Silva, A. S. (2012). Estudar o português como língua pluricêntrica no enquadramento da Linguística Cognitiva com foco nas variedades nacionais do PE e PB. In R. Teixeira e Silva, Q. Yan, M. A. Espadinha, & A. V. Leal (Eds.). *III SIMELP: a formação de novas gerações de falantes de português no mundo*. China, Macau: Universidade de Macau.

Brito, R. P. de (2015). À mistura estão as pessoas: lusofonia, política linguística e internacionalização. In M. L. Martins (Coord.). *Lusofonia e Interculturalidade – Promessa e Travessia*. Famalicão: Húmus/Universidade do Minho.

Chicuna, A. M., & Conceição, M. C. (Eds.) (2021). Ensino da Língua Portuguesa: casos e projetos. *Revista Internacional em Língua Portuguesa*, IV Série, 39.

Clyne, M. (Ed.). (1992). *Pluricentric Languages: differing norms in different nations*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter.

Correia, I. (2009). O parâmetro expressão na Língua Gestual Portuguesa: Unidade suprasegmental. *EXEDRA - Revista Científica da Escola Superior de Educação de Coimbra*, 57-68.

Costa, J. (2021). A língua pluricêntrica de um canhoto que vos escreve. *Palavras em linha*, 4, 81.

Cunha, C., & Cintra, L. (2015). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

Duarte, I. M. (2016). Português, língua pluricêntrica: que português ensinar em aulas de língua estrangeira? In C. A. B. de Andrade; G. Micheletti, & I. R. Seara (Orgs.). *Memória, Discurso e Tecnologia*. São Paulo: Terracota Editora.

Kloss, H. (1978). *Die Entwicklung neuer Germanischer Kultursprachen seit 1800*. Düsseldorf: Schwann.

Mendes, E. (2016). Pluricentrismo linguístico, ensino e produção de materiais de Português LE no PPPLE. In Am L. O. Alvarez, & L. Gonçalves (Orgs.). *O Mundo do Português e o Português no Mundo Afora: especificidades, implicações e ações*. Campinas/São Paulo: Pontes.

Muhr, R. (Ed.) (2012). *Non-dominant Varieties of pluricentric Languages. Getting the Picture. In memory of Michael Clyne*. Frankfurt/Wien: Peter Lang Verlag.

Oliveira, G. M. (2016). O sistema de normas e a evolução demolinguística da língua portuguesa. In M. L. A. Ortiz, & L. Gonçalves (Orgs.). *O mundo do português e o português no mundo afora: especificidades, implicações e ações*. Campinas: Pontes.

Quadros, R. M.; Karnopp, L. B. (2004). *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed.

Silva, Augusto Soares da (Ed.) (2013). *Pluricentricity: Language Variation and Sociocognitive Dimensions*. New York: De Gruyter.

Zeshan, Ulrike (2006). Sign language of the world. In K. Brown (Ed.). *Encyclopedia of language and linguistics*, Vol.11, pp. 358-365. Amsterdam: Elsevier.

